

educação socioambiental em escola rural não diferenciada: relato de experiência no programa *no campo com eva*

**socio-environmental education in a non-differentiated rural school:
experience report on the program *no campo com eva***

Carlos Henrique Amaro Calcia

Professor do Colégio Estadual de Araras

Petrópolis – Rio de Janeiro

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-3883-1358>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15475904>

Resumo: Um relato de experiência que descreve e interpreta o trabalho desenvolvido pelo Professor de História na implementação do programa *No Campo com EVA* durante 20 meses no Colégio Estadual de Araras (CEA), entre 2023 e 2024. O CEA é uma escola pública de Ensino Médio, da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), localizada em uma zona de amortecimento da Área de Proteção Ambiental de Petrópolis, RJ (APA Petrópolis), uma Reserva de Biosfera da Mata Atlântica (Rebio Araras). O colégio é uma escola rural do tipo não diferenciada, com cerca de 300 estudantes e 15 professores. O relato apresenta planejamentos de aulas, estratégias de articulações de conteúdos da Educação Socioambiental com a BNCC e considerações sobre o alcance do programa, e seus desafios, em termos da participação dos estudantes, das dinâmicas pedagógicas e da transferência de conteúdos.

Palavras-chave: (1) Educação Socioambiental; (2) Escola rural não diferenciada; (3) Colégio Estadual de Araras; (4) *No Campo com EVA*; (5) Educação no campo.

Abstract: An experience report that describes and interprets the work developed by a History Teacher in implementing the *No Campo com EVA* program for 20 months at Colégio Estadual de Araras (CEA), between 2023 and 2024. CEA is a public High School, part of the Rio de Janeiro State Department of Education (SEEDUC/RJ), located in a buffer zone of the Petrópolis Environmental Protection Area, RJ (APA Petrópolis), an Atlantic Forest Biosphere Reserve (Rebio Araras). The school is a rural school of the undifferentiated type, with approximately 300 students and 15 teachers. The report presents lesson plans, strategies for articulating Socio-environmental Education content within the National Curriculum, and considerations about the scope of the program and its challenges in terms of student participation, pedagogical dynamics, and content transfer.

Keywords: (1) Socio-Environmental Education; (2) Undifferentiated rural school; (3) Colégio Estadual de Araras; (4) *No Campo com EVA*; (5) Rural education.

Introdução

Há cerca de 10 anos comecei a dar aulas no Ensino Médio na rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Minha formação como Professor foi em Ciências Sociais e eu assumi que a Filosofia seria uma disciplina “muito difícil” para atrair a atenção dos alunos. Naquele momento eu imaginava que História seria a disciplina da qual os alunos mais iriam “querer participar”, porque seus conteúdos me pareciam “mais fáceis” de despertar atenção e curiosidade. Com o passar do tempo, fui percebendo que, por mais que pareça “abstrata” e “difícil de entender”, a Filosofia abrange uma diversidade muito grande de assuntos que podem atender à diversidade dos alunos. Por outro lado, a História pode também ser percebida como “abstrata” e “difícil de entender”, resultando em desinteresse e baixa participação dos alunos nas salas de aulas.

Primeira lição aprendida na prática docente: não se podem fazer tais generalizações. Segunda: para despertar o interesse dos alunos por temas e assuntos relativos à experiência humana e à vida em sociedade — objetos das Ciências Humanas e Sociais — é preciso mais do que conteúdos diversos e valiosos: precisa-se de estruturas e estratégias pedagógicas e, sobretudo, é necessário que os conteúdos e objetivos tenham a ver com as experiências de vida deles.

Em abril de 2023 a diretoria do *Colégio Estadual de Araras*, escola de Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), do tipo rural não diferenciada de Petrópolis, RJ na qual atuo como Professor de História e Filosofia, convocou o corpo docente para uma Oficina de Formação em Educação Socioambiental que seria conduzida pelo *Instituto E.V.A. (EVA)*.

Figura 1 — Primeira Oficina de Formação de Professores no CEA.



Fonte: *Instituto E.V.A.*, abril de 2023

Foi explicado para nós que a Educação Socioambiental, tal como definida por aquela Organização da Sociedade Civil, se entendia como:

... uma proposta curricular interdisciplinar, que combina conteúdos da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS); da Educação para os Direitos Humanos (EDH) e da Educação para a Cidadania Global (ECG), a ser aplicado ao longo da Educação básica brasileira de forma transversal e articulada a habilidades dos componentes curriculares definidas pela BNCC (INSTITUTO E.V.A. 2020).

Direitos humanos e cidadania são temas importantes e conteúdos mandatórios tanto da História, quanto da Filosofia, e eu participei da oficina para conhecer o que EVA propunha de novo e para pensar como eu poderia aproveitar aquelas ferramentas nas minhas aulas.

Foram duas manhãs seguidas de trabalho em grupo com os Professores. EVA apresentou um currículo que articula metas dos *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável* (ODS) com os componentes da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) –que naquele momento começava a ser implementada, sob forte questionamento em todo o Brasil– através de um módulo por Ano escolar de conteúdos localizados no município de Petrópolis para cada bimestre.

Durante a oficina fomos apresentados ao *Guia do Professor*, um passo-a-passo para a utilização do módulo e das demais ferramentas de EVA. Recebemos os *templates* do *Diário de Classes*, que é um caderno de planejamento e registro das aulas que criaríamos junto com os alunos com foco na comunidade local, chamadas de “atividades didático-pedagógicas”. Também foram discutidas as planilhas de autoavaliação de aprendizagem, que os alunos responderiam a cada bimestre, através de formulários *Google*, e aprendemos sobre o conceito de autoavaliação participativa adotado pelo piloto de Educação Socioambiental, que naquele momento se chamava “*Projeto EVA em Araras*”.

Achei interessante e pensei que talvez tudo aquilo pudesse ajudar a despertar um maior interesse dos alunos e melhorar a participação na sala de aula. O planejamento das aulas usando as ferramentas de EVA me pareceu que iria facilitar, porque ele ajudaria a sistematizar as atividades em sala de aula, de modo a tornar a dinâmica um pouco mais objetiva para o Professor. O programa estava orientando para a gente, com algumas balizas de uma metodologia que foi bem pensada ao longo de bastante tempo.

A caixa de ferramentas de EVA parecia ser uma opção que contribuiria para que o Professor do Ensino Médio dialogasse mais, e até mesmo melhor, com os colegas de disciplinas que não são só aquelas mais interligadas, aquelas que a gente chama de correlatas ou do mesmo grupo. O programa facilitava que eu dialogasse, por exemplo, com uma Professora de Biologia, em projetos que envolvam as duas disciplinas.

Eu me lembro que fui perguntado sobre o que eu gostaria que EVA trabalhasse adicionalmente, e eu propus as questões ligadas à poluição sonora. Como convivo com situações que dizem respeito às pessoas neuro-atípicas, sei o quanto os ruídos excessivos incomodam um grupo razoável de pessoas, como crianças e adultos autistas, porque estes acabam afetando muito a concentração e até o bem-estar dessas pessoas.

E foi assim que eu comecei a me aproximar do que EVA queria dizer com “trazer para dentro do espaço escolar” o enfrentamento de “temas que dizem respeito à vida” das nossas comunidades.

No Campo com EVA

De um projeto piloto à um programa em desenvolvimento

Logo no começo de abril de 2023 as ferramentas de EVA começaram a chegar no CEA. Foram entregues módulos de conteúdos, para serem aplicados apenas com os estudantes do 10º. Ano nos dois primeiros bimestres. Logo as atividades do “Projeto EVA em Araras” –como o piloto era chamado– chamou a atenção dos outros alunos e até o final daquele ano quase a metade dos alunos do CEA já estava engajada no projeto.

Os Professores fomos convidados a participar se desejássemos, e quase a metade de nós também se engajou voluntariamente. O projeto envolveu Professores de Sociologia, Geografia, Língua Portuguesa, Matemática, Projeto de vida, Educação física e Empreendedorismo. Por razões familiares de força maior eu não consegui participar naquele ano, mas em 2024 eu pude me envolver. O relato que vem a seguir conta um pouco desta experiência como Professor de História no programa *No campo com EVA*, como o projeto piloto passou a ser chamado em 2024.

Figura 2 — Participando da Oficina de Formação de Professores.



Fonte: Instituto E.V.A., abril de 2023

Durante o primeiro bimestre de 2024, por não estar engajado com as atividades do programa *No Campo com EVA*, nas aulas de História eu tratei

de questões de preservação do ambiente urbano, em especial os espaços históricos, tombados pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN). Também inclui informações sobre os espaços e meios de transportes públicos, problemas enfrentados por grandes cidades, como engarrafamentos, precarização das condições de moradia (ex.: o processo de gentrificação), etc.

Eu sempre sentia necessidade de buscar temas que pudessem provocar um pouco mais de participação dos alunos. Eu já vinha observando que nas aulas de Filosofia, eles participaram mais, principalmente quando tratamos das comunidades quilombolas, lembrando que existia uma em nossa cidade —e que alguns alunos conheciam— e isso foi um ponto muito positivo na participação deles nas aulas.

2º Bimestre de 2024

Mudanças climáticas: um conteúdo entrando no currículo de História

Comecei a utilizar as ferramentas de EVA para a disciplina de História com os alunos do 10º Ano no segundo bimestre de 2024. EVA havia enviado um módulo que tinha como principal conteúdo as consequências sociais dos desastres ambientais causados por chuvas extremas em Petrópolis. A questão climática começava a ser trazida para dentro do currículo no CEA, principalmente olhando para as comunidades locais mais afetadas pelos deslizamentos de encostas, que muitas vezes ocorrem no município, provocando desastres sociais e ambientais. A proposta de objeto do módulo era a seguinte:

Desalojado ou refugiado do clima: como vivemos isso em Araras?

Estudantes e professores colaboram em uma pesquisa-ação para entender as consequências dos eventos extremos do clima que se repetem a cada ano no Município de Petrópolis. O objetivo é produzir um levantamento dos “desastres ambientais” ocorridos na região na última década, a partir da memória social das distintas localidades de Araras. Este estudo deve ser desenvolvido como uma pesquisa de campo, utilizando múltiplas formas de documentação, tais como: vídeos curtos de entrevistas; pesquisas com questionários; relatos de memórias de famílias que perderam suas casas ou familiares; álbuns de fotos das famílias; pesquisas nos jornais locais; visitas de observação de áreas afetadas recentemente com fotos e relatórios, etc. Esta pesquisa deseja produzir uma documentação sobre como foram, ou são, atendidas as famílias afetadas pelos eventos climáticos extremos para, a partir das suas experiências, refletirmos se tratamos as pessoas como desalojados ou refugiados do clima (INSTITUTO E.V.A. 2024a).

Além de apresentar a pergunta-desafio para o 2º bimestre, o módulo dava indicações de quais habilidades da BNCC deveriam ser trabalhadas; quais as metas dos ODS 01 (Erradicação da pobreza) e 16 (Paz, justiça e

instituições eficazes) deveriam ser abordadas; definia os objetivos pedagógicos e as habilidades socioambientais (*green skills*) que deveriam ser buscados, e trazia na Biblioteca de *links* um texto conceitual (LAMIM-GUEDES 2013); um documento primário (PREFEITURA DE PETRÓPOLIS 2023); uma base de dados (PREFEITURA DE PETRÓPOLIS 2022), e três modelos de atividades didático-pedagógicas inspiradoras (BOA VONTADE TV 2018; BBC NEWS BRASIL 2022; SANTOS & GOMES 2019).

O módulo citava um trecho do texto conceitual para ajudar a dar uma ideia inicial do tema de estudo:

Nas últimas décadas, a fuga de pessoas foi por outras razões que guerras ou agressão. Os instrumentos internacionais (ainda) não reconhecem essas razões. Isso faz com que os refugiados ambientais, na maior parte das vezes, não possam contar com proteção material e jurídica. Contudo, estes são cada vez mais e a tendência é de aumento. Assim, o respeito e políticas de recepção aos refugiados é uma forma de adaptação às mudanças climáticas, ou seja, um saber viver em um mundo mais dinâmico, incerto e injusto, pelo menos, ambientalmente (LAMIM-GUEDES 2013).

Utilizando o *Diário de Classes* eu organizei o meu planejamento para o 2º Bimestre. O planejamento que eu construí se chamava “Consumo e impacto ambiental”. Descrevi assim o que eu desejava desenvolver com os alunos:

... hábitos de consumo na nossa região da cidade de Petrópolis. O foco da pesquisa é a identificação de hábitos criados pela própria comunidade local, isto é, reconhecer e divulgar práticas desenvolvidas e/ou adotadas espontaneamente pelos próprios moradores, no intuito de ampliar as práticas de consumo sustentável no dia a dia. Os alunos poderão realizar a tarefa em grupos de três ou quatro. Após algumas aulas expositivas (em torno de oito), espera-se que cada grupo realize pesquisa do tipo Survey. Esta deve ser feita nas ruas em que os integrantes do grupo moram, a fim de mapear de forma prática e bastante geral os hábitos de consumo no contexto doméstico/familiar de cada pequena comunidade (CALCIA 2024a).

Meu principal objetivo do ponto de vista cognitivo era que os alunos entendessem o impacto ambiental associado às práticas de consumo de cada localidade, contemplando as seguintes habilidades:

1. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos com produção, distribuição e consumo e seus impactos socioambientais;

2. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo seu papel na construção, consolidação e transformação das sociedades, e
3. Participar do debate público de forma crítica.

Quanto aos objetivos complementares, para os socioemocionais eu queria despertar consciência social, através do exercício da empatia, do colocar-se “no lugar dos outros”, respeitando a diversidade. Do ponto de vista comportamental, eu queria que eles entendessem que é possível implementar, tanto de forma individual, quanto na esfera da coletividade, diversas práticas sustentáveis em nosso cotidiano; reforçar que não é necessária uma mudança imediata na rotina, ou seja, que para “romper o ciclo vicioso” das práticas de poluição e desperdício excessivos, é preciso apenas um pequeno esforço inicial.

Preparei seis aulas para desenvolver este planejamento e comecei a aplicar o planejado.

Aula Nº 1 — Meu objetivo na aula do dia 17/04 era retomar a participação dos alunos que já integravam a coletividade do projeto no ano anterior e despertar o interesse daqueles que ainda não participavam. Utilizei a dinâmica da aula expositiva apresentando um projeto desenvolvido na Austrália, a título de exemplo. Preparei um *slideshow* sobre um “mini” reflorestamento urbano que foi feito naquele país. Como trabalho individual, pedi que eles pesquisassem sobre “reflorestamento rural” e “reflorestamento urbano”.

Aula Nº 2 — Meu objetivo na aula do dia 08/05 era apresentar sugestões de práticas sustentáveis que podem ser implementadas nos bairros. A dinâmica que usei foi uma aula expositiva, seguida de explicação do texto e debate com os alunos a fim de descobrir se já conheciam algo a respeito do assunto. Para desenvolvimento individual entreguei um estudo dirigido sobre o assunto da aula.

Aula Nº 3 — Na aula do dia 15/05 meu objetivo foi apresentar a ideia de que existem três tipos de reflorestamento: de conservação, de proteção e de restauração. Continuei utilizando a dinâmica da aula expositiva, explicação do texto e perguntas aos alunos sobre o que já conheciam a respeito do tema. Não pedi pesquisa individual para depois da aula.

Aula Nº 4 — No dia 22/05 meu objetivo foi apresentar o conceito de “responsabilidade socioambiental”, em consonância com a ideia de que os seres humanos também são parte do ambiente. Segui apresentando *slides* e usando aula expositiva. Preparei um estudo dirigido no qual os alunos precisavam definir individualmente, em suas próprias palavras, conceitos como o de “responsabilidade socioambiental”.

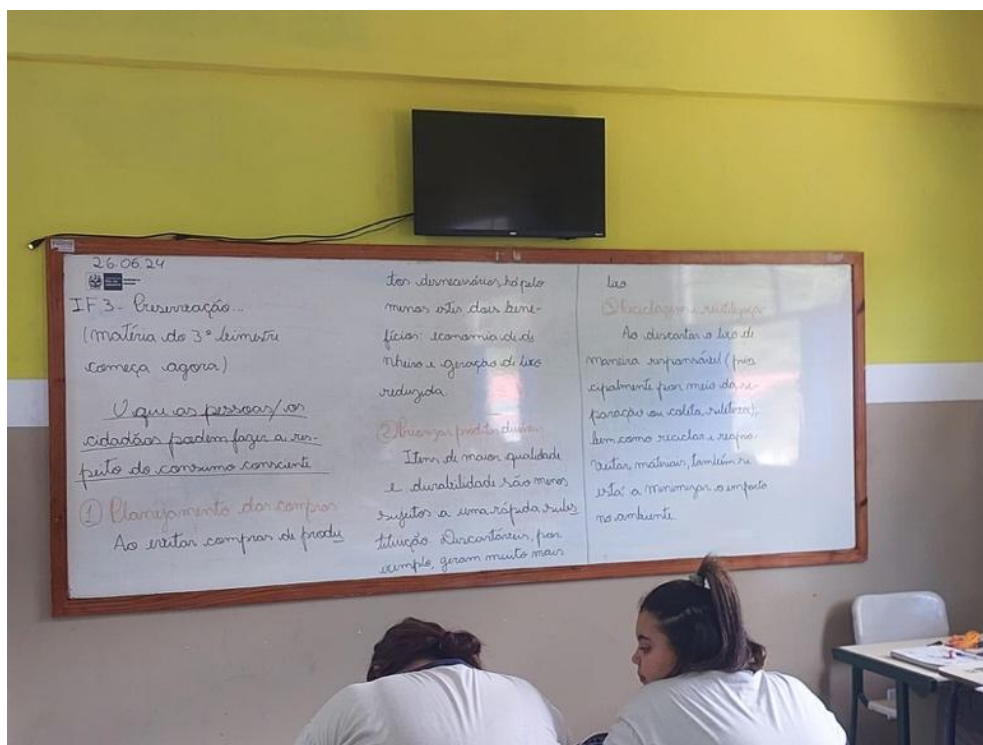
Aula Nº 5 — Meu objetivo na aula do dia 29/05 foi refletir com os alunos sobre o “percurso” de tudo o que é jogado fora, do descarte na lixeira da

nossa residência até a reciclagem, o reaproveitamento ou o descarte final. Mantive o formato de aulas expositivas. Não pedi pesquisa individual após a aula.

Aula Nº 6 — Na aula do dia 12/06 meu objetivo foi destacar o impacto negativo do desperdício de energia e da geração de lixo desnecessário nas residências. A dinâmica foi a de aula expositiva seguida de debate. Não pedi pesquisa individual ao final.

Ao começar a participar do programa, eu comecei a procurar abordar questões mais práticas nas aulas de História, portanto mais próximas da realidade de todos nós inclusive, é claro, dos alunos. Comecei a destacar o papel das comunidades locais no uso sustentável e na preservação ambiental no século XXI. Falamos sobre a importância do descarte correto do lixo, a fim de evitar impactos negativos em nosso ambiente. Nesse tópico, abordei a separação adequada dos resíduos domésticos e industriais e também a necessidade de se promover políticas públicas eficazes para sua reciclagem adequada. Também levantamos as práticas sustentáveis que podem ser adotadas por famílias e por indivíduos de forma cotidiana, como a redução do consumo de plástico, o reaproveitamento de materiais e a economia de energia elétrica. Expliquei como pequenas ações, a exemplo de desligar as lâmpadas ao sair de um cômodo da casa, ou mesmo evitar o esquecimento de televisores ligados quando não houver ninguém assistindo, podem gerar impactos significativos na conservação dos recursos naturais.

Figura 3 — Matéria da aula de História do 10º Ano escolar.



Fonte: Instituto E.V.A., junho de 2024.

Durante todo o 2º Bimestre eu mantive a dinâmica de aula expositiva, com a qual eu me sinto mais preparado para trabalhar. Mesmo trazendo temas mais próximos da vida dos alunos, senti que eles pareciam tímidos, pois embora tivessem uma boa participação quanto à cópia do texto do quadro no caderno, apresentavam pouca interação nos questionamentos na hora dos debates. Isso foi assim durante todo o bimestre, porém na terceira aula um dos alunos —que já fazia parte do projeto em outras disciplinas— chamou a atenção por participar ativamente do debate. Na aula seguinte a participação dos alunos melhorou muito, e não apenas eles começaram a participar melhor em sala de aula, como também sabiam fazer a distinção entre conceitos como “reaproveitamento” e “reciclagem”.

Foi assim que eu comecei a perceber o alcance do programa *No Campo com EVA* quanto ao engajamento dos alunos.

2º Semestre de 2024

Mudanças climáticas: um único propósito para toda a escola

Ao final do primeiro semestre de 2024 aconteceram as enchentes no Rio Grande do Sul, com um impacto social e ambiental enorme para a população local. EVA decidiu, então, que no segundo semestre o módulo de conteúdos seria um só para todo o 2º Semestre, e o mesmo para todos os anos do CEA. O foco do trabalho para todos os engajados, que já eram cerca de 200 alunos e seis Professores, seria “Mudanças Climáticas em Petrópolis”.

Como as eleições municipais ocorreriam ao final daquele ano, e na Câmara Municipal de Vereadores de Petrópolis estava sendo discutida a proposta de Lei para a construção do *Plano Municipal para as Mudanças Climáticas* desde maio, EVA propôs o seguinte módulo:

Como a participação política pode promover adaptação climática em Araras? Estudantes e professores colaboram em uma pesquisa-ação para conhecer, refletir e propor diversos tipos de políticas públicas de promoção de adaptação climática na esfera municipal. O formato das atividades-pedagógicas será o de comitês de campanhas eleitorais, trabalhando para construir narrativas de promessas de campanhas, através de discursos, programas de rádio, jingles, posts em redes sociais, podcasts, panfletos e outros, para eleger uma ou mais chapas fictícias nas eleições municipais de Petrópolis. Os estudantes do 10º Ano se organizarão em TRÊS COMITÊS temáticos: (1) Biodiversidade; (2) Segurança hídrica, e (3) Segurança alimentar e nutricional.

1. ***Biodiversidade:*** Propostas de enfrentamento dos impactos decorrentes das mudanças climáticas no bioma de Araras, seus processos ecológicos, capacidade de prover serviços ecossistêmicos e conservação de espécies do local;

2. **Segurança hídrica:** *Propostas de enfrentamento dos impactos decorrentes das mudanças climáticas sobre a disponibilidade hídrica (qualidade e quantidade) para usos múltiplos (abastecimento humano, atividades econômicas, e sustentação ecossistema) em Araras, e*
3. **Segurança alimentar e nutricional:** *Propostas de enfrentamento dos impactos decorrentes das mudanças climáticas na produção de alimentos (agricultura familiar) e na capacidade dos moradores de Araras de acessá-los (INSTITUTO E.V.A. 2024b).*

As turmas do 11º Ano trabalhariam em três outros Comitês Temáticos: (1) Saúde coletiva; (2) Justiça climática, e (3) Defesa Civil. Por fim, as turmas do 12º Ano se ocupariam de organizar o processo eleitoral interno da escola, incluindo o debate público, que ocorreu no dia 07 de outubro no CEA com a presença de mais de 300 pessoas.

Como sempre acontece, além da pergunta-desafio para o 2º Semestre, o módulo dava indicações de quais habilidades da BNCC seriam trabalhadas; quais as metas dos ODS 05 (Igualdade de gênero) e 10 (Redução das desigualdades sociais) deveriam ser abordadas; definia os objetivos pedagógicos e as habilidades socioambientais (*green skills*) que seriam buscados, e na Biblioteca de *links* havia dois textos conceituais (MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE 2016; MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA 2024); dois documentos primários (CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS 2024; CONSELHO MUNICIPAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL 2022); uma base de dados (PREFEITURA DE PETRÓPOLIS 2024) e dois modelos de atividades didático-pedagógicas inspiradoras (BENINI 2024; GREENPEACE 2023).

Para este semestre eu planejei dez aulas. O título do meu planejamento, alinhado com o programa *No Campo com EVA*, era “*Cultura e preservação ambiental*”. Meu objetivo central era que os alunos compreendessem que existe certa diversidade de práticas que visam à preservação ambiental. O objetivo deste estudo era mostrar que hábitos diferentes, estabelecidos por povos com culturas diversas, podem alcançar objetivos semelhantes de consumo sustentável.

Para a dinâmica das aulas eu iria manter as aulas expositivas, intercaladas com estudos dirigidos individuais e exibição de vídeo em determinadas datas, sempre em sala de aula. Eu desejava que os alunos entendessem as diferenças entre as visões de consumo e preservação dos povos ditos “tradicionais” em relação àquelas das populações que vivem em sociedades industrializadas — diferenças que decorrem da própria relação de cada um com a natureza. As sociedades autóctones do Brasil, por exemplo, se veem como parte do ambiente, ao contrário do que parece ocorrer com os povos industrializados.

Do ponto de vista dos objetivos cognitivos, de acordo com o que determina a BNCC para as Ciências Humanas e Sociais no Ensino Médio, eu desejava:

1. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global;
2. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades, e
3. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Quanto aos objetivos socioemocionais, meu planejamento visava despertar a consciência social que, de acordo com a BNCC, *“Necessita do exercício da empatia, do colocar-se ‘no lugar dos outros’, respeitando a diversidade”*, ao buscar a compreensão de que o indivíduo é também parte do ambiente. Em outras palavras, que somos diretamente afetados até mesmo pelas nossas próprias ações, quando decidimos adotar hábitos que conservam nosso planeta —ou quando decidimos fazer o contrário.

Por último, quanto aos objetivos comportamentais, eu desejava ajudar os alunos a entenderem que é possível implementar, tanto de forma individual, quanto na esfera da coletividade, diversas práticas sustentáveis em nosso cotidiano; reforçar que não é necessária uma mudança imediata na rotina: para *“romper o ciclo vicioso”* das práticas de poluição e desperdício excessivos, é preciso apenas um pequeno esforço inicial. Tal aspecto encontra-se em consonância com os objetivos comportamentais da BNCC, principalmente no que diz respeito à tomada de *“decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários”*.

Aula Nº 1 — No dia 24/07 meu objetivo foi falar um pouco sobre políticas públicas voltadas à promoção da Educação Socioambiental. Utilizei um *slide show* com notícias de jornal para mostrar exemplos, seguido de debate.

Aula Nº 2 — Na aula do dia 31/07 meu objetivo foi falar sobre a *Conferência de Estocolmo* em 1972, que inaugurou a série de Cúpulas que vêm ocorrendo a cada dez anos desde então.

Aula Nº 3 — Meu objetivo na aula do dia 07/08 foi tratar da *Rio-92*, que contou com a presença não só de políticos e lideranças de organizações não governamentais, mas também recebeu diversos artistas, ex-atletas e

personalidades ligadas à religião, como o Dalai Lama, Pelé, Tom Jobim, Shirley MacLaine e Jane Fonda. Entre 3 e 14 de junho de 1992, a capital do nosso estado sediou a *Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento*, celebrando 20 anos da *Conferência de Estocolmo*. Como muitos dessas “celebridades” são hoje desconhecidas pelos nossos alunos, procurei resumir um pouco do impacto que eles tinham na mídia. Talvez possamos comparar seu papel, quanto ao potencial de apelar para uma causa, ao que é hoje exercido pelos influenciadores digitais.

Aula Nº 4 — No dia 14/08 o objetivo foi tratar da *Conferência de 2002*. Ela foi marcada, além da discussão sobre questões ambientais, pela proposta de analisar se os acordos feitos durante a *Rio-92* estavam sendo cumpridos ou não. A princípio, o objetivo era cobrar uma maior efetivação desses acordos, em especial da chamada “*Agenda 21*”. Mas acabou surgindo um tema a mais no debate: a “questão social”, em busca da redução do número de pessoas que então se encontravam abaixo da linha da pobreza. Alguns dos principais temas tratados: (1) erradicação da pobreza; (2) mudança dos padrões de produção, consumo e manejo de recursos naturais, e (3) desenvolvimento sustentável. Houve, a propósito, muita crítica a respeito dessa amplitude de temas, com base no argumento de que não teria havido o devido foco, pois as discussões teriam sido fragmentadas, o que dificultou proposições efetivas.

Aula Nº 5 — Na aula do dia 28/08 meu objetivo foi problematizar/desconstruir o conceito “Desenvolvimento Sustentável”. Como pesquisa individual eu preparei um estudo dirigido para definir o conceito-tema da aula.

Aula Nº 6 — No dia 02/10 meu objetivo foi explicar quem são as comunidades tradicionais (quilombolas) e salientar algumas especificidades delas em sua relação com o ambiente.

Aula Nº 7 e 8 — Nos dias 23/10 e 30/10 meu objetivo foi mostrar semelhanças e diferenças entre Brasil e EUA no que diz respeito à época em que a escravidão era legalizada nos dois países. Para isso eu fiz a exibição do filme “*Doze anos de escravidão*”. Trabalhei os traços parecidos entre as colonizações do território meridional estadunidense e as colônias litorâneas do Brasil: além da mão-de-obra escravizada, assemelhavam-se pelas características da monocultura e do latifúndio.

Aula Nº 9 — Meu objetivo na aula do dia 06/11 foi debater o filme.

Aula Nº 10 — Para a aula do dia 27/11 meu objetivo foi aplicar a principal avaliação bimestral, que consistiu em uma redação, com duas opções de temas para os alunos escolherem e então desenvolverem seu texto: “produtos *cruelty-free*” ou “lixo tóxico”. Permiti que os alunos pesquisassem sobre o tema de sua escolha em seus celulares, mas pedi que redigissem o texto sem cópias, com suas próprias opiniões.

Por ser Professor de História, pareceu-me essencial levar aos alunos algum conhecimento sobre as Conferências ocorridas de meio século para cá. Entendo que tais eventos funcionem como excelente meio de divulgação da necessidade de promover a Educação Socioambiental, e foi por isso que dediquei algumas aulas do quarto bimestre à discussão das principais Conferências ambientais realizadas ao longo das décadas.

Começamos tratando da *Conferência de Estocolmo*, que aconteceu em 1972. Por seu pioneirismo, tornou-se um marco da crescente conscientização mundial sobre os impactos da industrialização no ambiente. Expliquei como esse evento levou à criação do *Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente* (PNUMA) e serviu como ponto de partida para as futuras cúpulas. Chegamos ao tópico sobre a *Rio-92*, que foi realizada no Rio de Janeiro. Por isso, aprofundi um pouco mais nesse evento, que consolidou o conceito de “Desenvolvimento Sustentável” e acabou gerando a “*Agenda 21*”, um plano de ação voltado, tanto para governos, quanto para a sociedade civil. Em sala, debatemos a importância dessa Conferência e como suas diretrizes ainda influenciam políticas ambientais no Brasil e no mundo.

Avançando para 2002, discutimos a *Cúpula de Joanesburgo*, que enfatizou a necessidade de implementação prática dos compromissos assumidos anteriormente, destacando a desigualdade social como um fator crítico na crise ambiental. Nas duas últimas décadas, as discussões climáticas se intensificaram, com destaque para a COP21 (2015), na qual foi celebrado o *Acordo de Paris*, destinado à redução de emissões de gases do efeito estufa. Ainda que eu perceba certo “negacionismo” advindo de altíssimas autoridades de alguns países considerados cruciais para a sobrevivência do nosso planeta, acredito que haja algum avanço na conscientização. De toda forma, tomei bastante cuidado para que tais assuntos não tivessem conotação política, abordando da forma mais objetiva possível.

Durante as aulas, procurei obter a opinião dos estudantes quanto à sua visão da eficácia ou ineficácia dessas cúpulas, questionando acerca do que de fato mudou desde as primeiras discussões internacionais. Mas percebi que a participação foi mínima, com pouquíssimos alunos demonstrando interesse em participar do debate. Para mim era desejável que ao menos comentassem situações que já viveram, ou sugerissem tópicos que haviam ficado de fora das aulas!

Logo nas primeiras aulas expositivas, os alunos em geral continuavam pouco participativos. Todos copiaram a matéria, mas apenas dois participavam de fato. Tentei engajar a turma com perguntas, mas em geral somente estes dois alunos interagiam: Isabela e João Miguel, pois eles já participavam do programa em outras disciplinas. Ao tratar da *Rio-92* eu encontrei certa dificuldade para traduzir o impacto deste evento de tamanhas proporções, mas já distante no tempo e no imaginário da juventude atual. Por mais que eu tenha “vivenciado” a cúpula, através da mídia quando

era criança, e que me lembre bem da repercussão na opinião pública, não é fácil traduzir a grandiosidade do evento na contemporaneidade. Acredito que isso se deva, em parte, ao fato de que a sociedade mudou bastante, em especial no que diz respeito aos interesses fragmentados em “bolhas” ou, dito de forma mais simples, porque cada um acompanha as notícias que prefere.

Refletindo sobre a permanência do desinteresse dos estudantes nas aulas sobre as Conferências, eu entendo que o tema seja cansativo para eles, que talvez enxerguem tudo isso como “mais do mesmo”. Alguns, possivelmente, são céticos em relação às possibilidades de mudança no comportamento da sociedade global em favor da conservação do nosso planeta. Uma última hipótese, sobre a qual espero estar equivocado, é que muitos sejam indiferentes a tais preocupações.

Na Aula Nº 5, além das perguntas retóricas de praxe, fiz também uma “provocação” por meio de um comentário inspirado na lembrança de uma fala do Professor de Geografia (Frederico), durante uma das primeiras reuniões do projeto, que eu adaptei na hora. Afirmar que, para alguns estudiosos, a ideia de um desenvolvimento que seja sustentável é uma contradição em termos. A participação, contudo, se manteve restrita aos mesmos dois, ou talvez três alunos, em especial o João Miguel.

Ao tratar das questões relativas às populações negras escravizadas a participação melhorou um pouco, pois observei que alguns alunos já conheciam algo sobre comunidades quilombolas, inclusive sabendo da existência de uma em nossa cidade —o Quilombo da Tapera. Mesmo que poucos soubessem de sua localização exata, considerei positivo que tivessem conhecimento desta existência, pois não se trata de algo muito divulgado pelo “senso comum”. O mesmo ocorreu na exibição do filme sobre populações negras escravizadas nos Estados Unidos, que foi acompanhada com bastante atenção pelos alunos. Mas na hora do debate sobre o filme poucos comentaram trechos ou emitiram opinião.

Foi surpreendente que na avaliação final tenha ocorrido uma boa participação. Quase todos escreveram sobre os produtos tóxicos e a ética envolvida, citando inclusive um desenho animado recente sobre o tema. Pelo menos dois alunos trataram o tema do descarte do lixo tóxico, demonstrando que este debate estava sendo eficiente no CEA, a partir do engajamento no programa *No Campo com EVA*.

Considerações finais

Ao escrever este relato eu senti alguma dificuldade de colocar aqui o que estava acontecendo nas minhas aulas: o interesse baixo da maioria dos alunos por participar ativamente nos debates. Inicialmente eu interpretei que eu não havia obtido um bom resultado, porque a minha dinâmica não havia funcionado muito bem.

Mesmo que o *Instituto E.V.A.* estivesse sempre me apoiando, a minha participação foi muito mais teórica do que “para as crianças”. Eu não elaborei “projetos para eles fazerem”... Nada com material reciclado e tal...

Mas depois, quando eu estava terminando de escrever este relato, já revisando para enviar para a revista, eu percebi que valeu a pena aquilo ali, porque foi difícil, mas deu certo inserir esse conteúdo no itinerário formativo de preservação de espaços coletivos!

E mesmo que a participação dos meus alunos —como eu coloquei aqui— tenha sido muito mais fazer as atividades em sala; copiar a matéria do quadro e não debater, sem trazer vivências semelhantes ou diferentes que eles tiveram, no final das contas eles participaram!

Deu certo e foi praticamente um ano letivo inteiro, com conteúdos falando sobre as Conferências: de 1992; aquelas que foram antes, e algumas que vieram depois. Do ponto de vista da História dessas Conferências, e também um pouco do ponto de vista do impacto delas no Brasil e no mundo, pois elas trouxeram algumas mudanças na opinião pública que a gente já consegue perceber.

A gente, que já é um pouco mais velho, já percebe mudanças de posturas: nossas próprias e dos nossos alunos. Então está dando certo, né?

Figura 4 — Professores Aliados de EVA — Sala dos Professores - CEA



Fonte: *Instituto E.V.A.*, março de 2025

Referências

BBC NEWS BRASIL (2022). *Porque pobres são os mais afetados pelas mudanças climáticas*. (Vídeo 8:06).

Disponível em: <https://youtu.be/rDsjVGPJyuM>

Acesso em: 12/04/2025.

BENINI, Rubens (2024). *O que é adaptação e mitigação climática?* The Nature Conservancy Brasil. (05/04 online). Vídeo curto 2:50.

Disponível em: <https://youtu.be/GpsRr3MciOM?si=WPCWRGtXcNaNHJKB>

Acesso em: 12/04/2025.

BOA VONTADE TV (2018), *Refugiados Climáticos - Um desafio sem fronteiras*. Aula online. (Vídeo 21:39).

Disponível em: <https://youtu.be/4qg1xhO4rXo>

Acesso em: 12/04/2025.

CALCIA, Carlos Henrique Amaro (2024a). “Diário de Classes — História, 2º Bimestre”. Manuscrito de planejamento de aulas do programa *No Campo com EVA*. Documento técnico não publicado.

____ (2024b). “Diário de Classes — História, 2º Semestre”. Manuscrito de planejamento de aulas do programa *No Campo com EVA*. Documento técnico não publicado.

CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS (2024). Projeto de Lei - Protocolo Legislativo - Processo Nº 2207/2024. *Plano de Adaptação à Mudança do Clima no Município de Petrópolis*. Petrópolis, RJ. (27/05, online).

Disponível em:

<https://sapl.petropolis.rj.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2024/25539/2207.pdf>

Acesso em: 12/04/2025.

CONSELHO MUNICIPAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL (2022). *Regimento Interno*. Petrópolis, RJ.

Disponível em:

<https://www.petropolis.rj.gov.br/ccm/index.php/downloads/128-compdec/130-regimento-interno.html>

Acesso em: 12/04/2025.

GREENPEACE (2023). *O que é Plano Nacional de Adaptação?* Greenpeace. (29/03 online). Vídeo curto 2:03.

Disponível em: https://youtu.be/obs6jBO_QM0?si=yQpzC-bIxmLGnXcL

Acesso em: 12/04/2025.

INSTITUTO E.V.A. (2020). “Educação Socioambiental”, *Nosso Trabalho*. Atibaia, SP (online).

Disponível em: <https://eva-edu.org>

Acesso em: 12/04/2025.

____ (2024a). “Módulo EM10LGCH_DF01”, *Caixa de Ferramentas*. Manuscrito de planejamento de aulas do programa *No Campo com EVA*. Documento técnico não publicado. Atibaia, SP.

____ (2024b). “Módulo EM10LGCH_DF02”, *Caixa de Ferramentas*. Manuscrito de planejamento de aulas do programa *No Campo com EVA*. Documento técnico não publicado. Atibaia, SP.

LAMIM-GUEDES, Valdir (2013). “Refugiados do clima: reflexões para o Dia Internacional dos Refugiados”. *Global Education Magazine*, online.

Disponível em: <https://globaleducationmagazine.com/refugiados-clima-reflexoes-para-dia-internacional-dos-refugiados/>

Acesso em: 12/04/2025.

MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE (2016). *Plano Nacional de Adaptação à Mudança do Clima*. Sumário Executivo. Brasília.

Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/mudanca-do-clima/pna_sumario_executivo.pdf

Acesso em: 12/04/2025.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA (2024). “Adaptação à Mudança do Clima”. *Mudança do Clima*. Brasília. (26/12 online).

Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/mudanca-do-clima/adaptacao-a-mudanca-do-clima>

Acesso em: 12/04/2025.

PREFEITURA DE PETRÓPOLIS (2022). *Petrópolis Resiliente*: Prefeitura lança Plano de Contingência para o verão e empossa Conselho Municipal de Proteção e Defesa Civil. (06/11 online).

Disponível em:

<https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/noticias/item/19505-petrópolis-resiliente-prefeitura-lança-plano-de-contingência-para-o-verão-e-empossa-conselho-municipal-de-proteção-e-defesa-civil>

Acesso em: 12/04/2025.

____ (2023). *Plano de contingência do Município de Petrópolis para as chuvas de verão 2023-2024*. (11/12 online).

Disponível em:

https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/phocadownload/defesa-civil/planos-contingencia/PLANO_VERAO_2023_2024.pdf

Acesso em: 12/04/2025.

_____. (2024). *Planos de contingência*. Defesa Civil. Petrópolis, RJ. (Online).

Disponíveis em:

<https://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/defesa-civil/planos-de-contingencia>

Acesso em: 12/04/2025.

ROCHA, Marcelo (2021). *A periferia me tornou um ativista climático*. TEDXSão Paulo. (26/04 online). Vídeo 6:09.

Disponível em: https://youtu.be/wHah_9hQt_U?si=DzQTioJzD_njnVIG

Acesso em: 12/04/2025.

SANTOS, R. & GOMES, M. (2019). *Caderno de Atividades. Volume 7, Mudanças climáticas*. Coleção Meu Ambiente. Curitiba: Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza.

Disponível em:

<https://www.fundacaogrupoboticario.org.br/pt/Biblioteca/Atividades%207o%20ano%20-%20Mudanças%20climáticas.pdf>

Acesso em: 12/04/2025.

Sobre o autor

Carlos Henrique Amaro Calcia é originalmente Professor de Sociologia, formado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concluiu o Bacharelado em 2008 e a licenciatura em 2009, e posteriormente cursou a graduação em Direito na Universidade Católica de Petrópolis. Tornou-se professor de História e Filosofia, e desde 2010 se dedica ao magistério em escolas de Ensino Médio da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Nos últimos anos vem atuando como Professor de História e de Filosofia no Colégio Estadual de Araras, da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.